

O PROTAGONISMO DA PROFESSORA ZULEIDE FERNANDES QUEIROZ

THE PROTAGONISM OF PROFESSOR ZULEIDE FERNANDES QUEIROZ

EL PROTAGONISMO DE LA PROFESORA ZULEIDE FERNANDES QUEIROZ

LIA MACHADO FIUZA FIALHO

Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) – Fortaleza – CE.
lia_fialho@yahoo.com.br

VITÓRIA CHÉRIDA COSTA FREIRE

Doutorado em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte – Ceará – CE.
vitoriacherida91@gmail.com

FRANCISCA GENIFER ANDRADE DE SOUSA

Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) – Ceará – CE.
geniferandrade@yahoo.com.br

Recebido em: 15/04/2022

Aceito em: 27/03/2023

Publicado em: 13/09/2023

Resumo

O artigo trata do dinamismo militante de uma mulher negra que conseguiu deslocamento social e destacou-se por sua luta pela interiorização da pós-graduação, maior justiça social e igualdade de gênero e raça. O objetivo foi biografar Zuleide Fernandes Queiroz com ênfase na sua atuação como docente universitária militante política e sua inserção nos movimentos negro, sindical e feminista, no recorte temporal de 1994 a 2019. Desenvolveu-se uma pesquisa do tipo biográfica, ancorada teoricamente na História Cultural e metodologicamente na História Oral. Os dados foram coletados por intermédio de entrevista livre com a biografada. Os resultados inferem que a atuação docente de Zuleide Fernandes Queiroz na Universidade Regional do Cariri fomentou, por meio do ensino e da pesquisa, um projeto de educação libertadora que considera os problemas práticos da realidade social do Nordeste, os quais dificultam a emancipação humana, em especial da mulher. Protagonista na expansão da oferta de curso de graduação e na implementação da pós-graduação em Educação no interior do Ceará, desenvolveu sua práxis educativa indissociada da sua militância política, pois a sua luta mostrou-se diária em prol da resistência às discriminações e às desigualdades agravadas pelo preconceito de raça, de classe e de gênero.

Palavras-chave: Biografia. Mulher negra. Participação feminina. Mulher na ciência. Militância política.

Abstract

The article deals with the militant dynamism of a black woman who achieved social displacement and stood out for her struggle for the interiorization of graduate studies, greater social justice and gender and racial equality. The objective was to biography Zuleide Fernandes Queiroz with emphasis on her performance as a political activist university professor and her insertion in the black, union and feminist movements, in the time frame from 1994 to 2019. biographical research was conducted, theoretically anchored in Cultural History and methodologically in oral history. Data were collected through a free interview with the subject. The results infer that the teaching performance of Zuleide Fernandes Queiroz at the Universidade Regional do Cariri fostered, through teaching and research, a project of liberating education that considers the practical problems of the social reality of the Northeast, which hinder human emancipation, especially of the woman. A protagonist in the expansion of the offer of undergraduate courses and in the implementation of postgraduate studies in education in the interior of Ceará, he developed his educational praxis inseparable from his political militancy, as his struggle proved to be daily in favor of resistance to discrimination and aggravated inequalities by race, class and gender bias.

Keywords: Biography. The black woman. Female participation. Woman in Science. Political militancy.

Resumen

El artículo trata sobre el dinamismo militante de una mujer negra que logró el desplazamiento social y se destacó por su lucha por la interiorización de los estudios de posgrado, mayor justicia social e igualdad de género y raza. El objetivo fue biografiar a Zuleide Fernandes Queiroz con énfasis en su desempeño como docente universitaria activista política y su inserción en los movimientos negros, sindicales y feministas, en el lapso de 1994 a 2019. Se desarrolló una investigación biográfica, anclada teóricamente en la Historia Cultural y metodológicamente en la Historia Oral. Los datos fueron recolectados a través de una entrevista libre con el sujeto. Los resultados infieren que la actuación docente de Zuleide Fernandes Queiroz en la Universidade Regional do Cariri fomentó, a través de la docencia y la investigación, un proyecto de educación liberadora que considera los problemas prácticos de la realidad social del Nordeste, que obstaculizan la emancipación humana, especialmente de la mujer. Protagonista en la ampliación de la oferta de cursos de graduación y en la implementación de estudios de posgrado en Educación en el interior de Ceará, desarrolló su praxis educativa inseparable de su militancia política, pues su lucha resultó ser cotidiana a favor de la resistencia a la discriminación y a las desigualdades agravadas por prejuicios de raza, de clase y de género.

Palabras clave: Biografía. Mujer negra. Participación femenina. Mujer en la ciencia. Militancia política.

1 Introdução

O estudo biográfico se debruça sobre a vida profissional de Zuleide Fernandes Queiroz, doravante apenas Zuleide Queiroz, como ficou conhecida no Ceará. Ela é mulher negra, filha de família pobre, que partiu da periferia de Fortaleza, Ceará, para atuar no interior do estado como professora efetiva na Universidade Regional do Cariri (Urca), no Crato. Sua atuação docente está marcada pelo seu envolvimento crítico nos movimentos feminista, negro e sindical, bem como na política local, os quais ressignificaram sua práxis educativa cotidianamente e possibilitaram-lhe visibilidade e representatividade como protagonista no estado por reivindicar os direitos civis e de cidadania que cotidianamente são subtraídos dos trabalhadores, majoritariamente, das mulheres negras.

Zuleide Queiroz nasceu em 1964, tempo em que o Brasil iniciava o regime da Ditadura Militar, marcado pela opressão àqueles que se opunham a esse Governo (COMPARATO, 2014). Nesse período, a taxa de escolarização era muito baixa no Brasil, abarcando somente 33,37% da população em idade escolar, ou seja, com idades entre 5 e 19 anos (SAVIANI, 2011). Nessa perspectiva, era alto o quantitativo de analfabetos, fosse porque não existiam prédios que ofertassem serviço escolar em todas as regiões, fosse porque a população mais empobrecida não conseguia se manter estudando, já que era necessário trabalhar para auxiliar no sustento familiar (SOUSA, 1961).

Dados de Vieira (2002), no tocante ao sistema educacional cearense, na década de 1960, revelam que, de cada 1.000 alunos que iniciavam a 1ª série primária, apenas 85 concluíam esse ano de ensino. Ainda que 80 desses alunos ingressassem no Ensino Secundário, somente 38 prosseguiram até o final e apenas dez chegavam ao Ensino Superior. O espaço educativo, portanto, era excludente e elitizado, só conseguindo ali permanecer, em geral, aqueles pertencentes a núcleos familiares que detinham capital econômico.

Zuleide Queiroz, no entanto, foi uma exceção à exclusão educacional que acometia 99% dos cearenses, pois, mesmo descendendo de família numerosa de oito irmãos, cujos genitores eram pouco abastados e com baixa escolarização – pai servente de pedreiro e mãe diarista –, teve a sua trajetória educativa ininterrupta, facilitada tanto pelo trabalho dos irmãos mais velhos, que possibilitavam o mínimo para a sobrevivência familiar e estudos aos mais novos, como pelo fato de viver em Fortaleza, o centro urbano mais desenvolvido do Ceará, que sediava a maior parte dos estabelecimentos educativos do estado (SOUSA, 1961). Residente em uma casa de taipa situada em uma região periférica denominada Pan-Americano, iniciou o Ensino Primário no bairro Bela Vista, situado nas adjacências daquele onde morava, na Escola Professor Martins de Aguiar de Primeiro, que ofertava o primeiro grau menor, e concluiu essa etapa da escolarização na Escola Senador Fernandes Távora, localizada em outro bairro vizinho, o Demócrito Rocha.

Mesmo com dificuldades de deslocamento até a escola e de aquisição de material escolar e fardamento, ingressou no Secundário na Escola Técnica Federal do Ceará, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), localizado no bairro Benfica. Nessa instituição, cursou Turismo e envolveu-se no Grêmio Estudantil, logo conquistando uma bolsa na área de esportes, a partir da qual restou permitida sua manutenção nos estudos, já que a sua família não conseguia sustentá-la e ela não dispunha de oportunidade

profissional para conciliar os estudos com o trabalho remunerado. Finalizada a escolarização básica em 1982, ela prestou vestibular para o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e, uma vez aprovada, iniciou a formação universitária, em 1983.

Esse íterim formativo de Zuleide Queiroz foi marcado pela atuação no movimento estudantil, a partir da inserção no Centro Acadêmico e em outros movimentos militantes junto a professores da UFC e da prefeitura de Fortaleza. Tais vivências universitárias se tornaram possíveis porque Zuleide Queiroz foi bolsista de variadas modalidades – extensão, monitoria e pesquisa – e, com o auxílio financeiro recebido, conseguiu se manter na universidade até formar-se pedagoga. Destaca-se, inclusive, sua participação como bolsista no Programa de Expansão e Melhoria da Educação no Meio Rural (Edurural), que possuía o objetivo de melhorar a aprendizagem dos estudantes da região do Nordeste do Brasil, financiado pelo Banco Mundial (SOUSA; PONTES JUNIOR; LEITE, 2021).

Em 1987, após concluir o curso de Pedagogia, a biografada começou a atuar como técnica em Educação em uma empresa privada da capital cearense, mesmo ano em que fez a seleção para o mestrado em Educação da UFC, na qual foi aprovada, tendo iniciado a pós-graduação em 1988. Conciliou o mestrado com o trabalho até 1992, quando se formou mestra e passou a integrar o corpo docente substituto da Faculdade de Educação da UFC. Nesse período, dedicou-se a pesquisar a Escola Rural e os saberes construídos pelo homem do campo, ressaltando a importância da universalização da educação e a valorização do contexto socioeconômico e cultural do interior do Ceará. Dois anos mais tarde, em 1994, foi aprovada em concurso público da Urca e, desde então, correlacionou a docência com a militância no espaço universitário e político-social, lutando por mais justiça social e acesso à educação junto a grupos como mulheres e negros.

No final da década de 1980, parcela minoritária dos cearenses conseguia acesso ao Ensino Superior e, mais restritivamente, à pós-graduação *stricto sensu*, pois esta se constituía em um espaço elitizado. Inclusive, ao considerar as mulheres negras em curso de mestrado, a situação de dissensão era ainda mais alarmante, exemplo disso é o fato de que, até o ano de 1988, somente três mulheres negras haviam ingressado no curso de mestrado em Educação em todo o Ceará (ZULEIDE QUEIROZ). Diante do contexto de exclusão, questiona-se: como se desenvolveram a docência e a militância política de Zuleide Queiroz para que ela se tornasse professora universitária símbolo de resistência social negra no Ceará? Para responder a esse problema de pesquisa, realizou-se um estudo com o objetivo de biografar Zuleide Queiroz com

ênfase na sua atuação como docente universitária militante política e na sua inserção nos movimentos negro, sindical e feminista, no recorte temporal de 1994 a 2019. Salienta-se que essa delimitação temporal se justifica por ter sido 1994 o ano em que a biografada foi aprovada em concurso público e começou a lecionar no curso de Pedagogia da Urca e por ter sido 2019 o ano em que ela solicitou sua aposentadoria.

O estudo do tipo biográfico seguiu os princípios teóricos da História Cultural (BURKE, 2008) e utilizou a História Oral como metodologia (MEIHY; HOLANDA, 2015). Essa escolha teórico-metodológica possibilitou lançar luz a uma mulher cientista, professora e militante que contribuiu para o progresso da Educação no Brasil com participação ativa para a ampliação de curso de graduação e pós-graduação com vistas à interiorização da educação. As memórias de Zuleide Queiroz sobre suas experiências no transcorrer do seu protagonismo como docente do Ensino Superior na Urca, na interface com a militância política, permitiu reconhecer a importância da participação feminina para o progresso da ciência, bem como reconstituir o perfil de uma mulher negra que enfrentou os desdobramentos da desigualdade social desde a infância e, demonstrando perseverança, conseguiu deslocamento social por meio da escolarização, tornando-se professora universitária protagonista na luta por mais justiça social às minorias. Trata-se, portanto, de uma biografia de “exceção normal”, como leciona Dosse (2015), por não centrar foco em um indivíduo típico de uma categoria, e sim, ao contrário, por valorizar microcosmos que refletem situações-limite de crise, dando “[...] mais atenção às estratégias individuais, à complexidade dos elementos em jogo e ao caráter imbricado das representações coletivas” (DOSSE, 2015, p. 254).

Esta pesquisa é relevante por valorizar casos de ruptura social e a regionalidade do Nordeste do Brasil, já que lança lume sobre um contexto singular do Ceará e sobre os tensionamentos que uma mulher pobre e negra vivenciou para galgar seu empoderamento mediante a educação. Circunstâncias que se inter-relacionam indissociavelmente às relações sociais e culturais constituídas ao longo da história nos mais diversos estados do país. Além disso, ao fomentar visibilidade ao protagonismo de uma personalidade feminina negra, dá-se notoriedade de um público historicamente relegado ao esquecimento e ao silenciamento, mas que muito contribuiu para a história das relações estabelecidas em âmbito social (PRIORE, 2004). Nesse sentido, interessa o registro da vida de Zuleide Queiroz nos aspectos público e privado, já que a biografia faculta a associação do contexto micro e macrossocial, individual e coletivo (DOSSE, 2015).

O artigo encontra-se organizado em cinco seções, a saber: a presente Introdução, que apresentou a temática, o problema de estudo, o objetivo central e a relevância da pesquisa; a Metodologia, em que se esclarece o percurso trilhado para a coleta e para o tratamento dos dados; o primeiro tópico dos resultados e discussões, intitulado Docência Universitária e Militância Sindical, Negra e Feminista, trata especificamente sobre a atuação de Zuleide Queiroz na Urca; seguido do Envolvimento Político, no segundo momento de discussão, que centra foco nas vivências da biografada como candidata a cargos políticos. Por fim, nas Conclusões, retoma-se o objetivo do estudo para então respondê-lo e explanar criticamente os principais resultados alcançados e as limitações persistentes.

2 Metodologia

A pesquisa é de abordagem qualitativa, visto que enfatiza pormenores inacessíveis ao universo das operacionalizações variáveis quantificáveis (MINAYO, 1994), amparada teoricamente nos princípios da História Cultural (BURKE, 2008), corrente historiográfica emergente na terceira fase da escola dos Annales, que viabilizou credibilidade aos estudos científicos e valorização do protagonismo de pessoas comuns, ao ampliar a compreensão sobre fontes históricas, inclusive considerando a relevância da oralidade. A História Cultural torna passível de investigação o ser humano e as suas relações públicas e privadas, a partir dos seus vestígios no tempo e no espaço, o que aponta para uma inovação na escrita histórica do final do século XX, ao valorizar indivíduos antes relegados a segundo plano de importância na narrativa histórica, a exemplo de mulheres, negras, professoras etc.

Nessa perspectiva, a biografia em voga, de caráter hermenêutico, não busca narrativa heroica sobre pessoas que detêm prestígio social (DOSSE, 2015), pois considera que o sujeito atua tanto como produto quanto como produtor do seu meio, tornando-se importante para a problematização das relações que estabelece nas esferas individual e coletiva, ao permitir o melhor entendimento do seu entorno em um movimento que envolve o micro e o macrossocial (FERRAROTI, 1998). Por isso, tomar como foco de discussão a vida de uma mulher comum, com relativa visibilidade na teia social, é crucial para a valorização e para a preservação de versões da história que permanecem em condição de anonimato na ciência brasileira, haja vista que “[...] a perspectiva de trabalhar com biografias e/ou histórias de vida fornece subsídios para se entender o indivíduo em várias dimensões [...]” (RODRIGUES, 2015, p. 61).

Especificamente, quando a escrita biográfica traz visibilidade ao público feminino, tal como é o caso desta pesquisa, torna-se viável a ressignificação da imagem da mulher no meio social, permitindo que ela seja reconhecida e considerada para a formulação de conhecimento histórico e para a compreensão das relações sociais por ela efetivadas em um determinado período (NUNES; TEIXEIRA; MACHADO, 2017). À vista disso, biografar Zuleide Queiroz, com ênfase na sua atuação como docente universitária e militante social, possibilitou a problematização dos eventos por ela vivenciados em meio à sua trajetória profissional, marcada pela luta e pela resistência diante das desigualdades, com o cuidado para não cair na denúncia *bourdieusiana* da Ilusão Biográfica. Buscou-se compreender a biografada considerando o tecido social em que esteve inserida na interseção com os jogos heterogêneos e complexos das múltiplas determinações sociais que historicamente subalternizavam a mulher, impedindo-lhe deslocamentos da posição e destaque no fomento à produção científica e tecnológica.

Nessa tessitura, para alcançar o escopo de traçar a biografia de Zuleide Queiroz, a História Oral foi eleita como a metodologia mais adequada, já que esta “[...] consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2010, p. 155). Vertente metodológica fundamental para o estudo do tempo presente, a História Oral proporcionou o contato direto com as memórias e com as experiências da biografada, narradas por meio de entrevista realizada no seu meio social.

Ancorando-se nos fundamentos da História Oral, as memórias de Zuleide Queiroz, atinentes aos acontecimentos passados, foram acessadas considerando sua inter-relação com os aspectos público e privado, de modo que as suas lembranças e esquecimentos se constituíram em objeto de análise (THOMPSON, 2002). Ressalta-se, todavia, que o ato de trazer à tona memórias do passado longínquo ou recente é influenciado pelos interesses de quem narra, pois a memória passa pelos filtros do presente, tanto na perspectiva do entrevistador como na do entrevistado, que, por sua vez, podem ressignificar acontecimentos de acordo com interesses individuais (BOSI, 1993). Dessa maneira, a biografia de Zuleide Queiroz não visa à disseminação de uma verdade absoluta ou inquestionável; na contramão, considera que há pormenores de uma vida que jamais serão apreendidos em uma escritura biográfica (DOSSE, 2015), o que não justifica o anulamento de seu desenvolvimento, mas sinaliza para a necessidade de uma leitura interpretativa crítica.

A oralidade de Zuleide Queiroz foi coletada mediante entrevista livre em História oral (MEIHY; HOLANDA, 2015) realizada no dia no dia 17 de abril de 2019, na sede regional do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes), em Fortaleza, no bairro Benfica, local escolhido previamente pela biografada. A entrevista iniciou-se às 9h30, após a leitura e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e durou uma hora e 11 minutos. A narrativa foi registrada com apoio de gravador digital, que permitiu a escuta com qualidade das oralidades, seguida da transcrição literal e da validação, esta última ocorrida em 18 de outubro de 2019.

No que concerne aos aspectos éticos, acrescenta-se que a pesquisa foi autorizada pelo Comitê Nacional de Ética em Pesquisa sob parecer de número 2.585.705, em 2018, bem como que, no trato com a biografada, no momento de realização da entrevista, também se tomou o cuidado de esclarecer o objetivo do estudo, a sua forma de participação voluntária, os possíveis riscos, as maneiras como poderiam ser divulgadas as informações coletadas, a não preservação do anonimato e a possibilidade de desistência da pesquisa a qualquer momento por parte da entrevistada. Ressalta-se ainda que, no momento da validação da transcrição, não foram realizados acréscimos ou retiradas significativas e o termo de concordância foi assinado, permitindo a preservação digital em repositório de dados abertos disponíveis gratuitamente¹.

3 Docência universitária e militância sindical, negra e feminista

Como concursada da Urca desde o ano de 1994, Zuleide Queiroz afirmou que sua docência sempre esteve marcada por sua vinculação estreita com a militância política: “A gente tem tentado, no nosso trabalho como professor, ter essa relação muito direta da formação de professores e o engajamento político e social”. Isso porque, tal como sublinha Soares (2019), ela acredita que a luta por uma sociedade mais justa e igualitária ultrapassa os muros das instituições de ensino e ganha maior significado quando o discurso se imbrica com a prática nos mais variados espaços sociais.

Com trajetória educativa marcada por muita determinação para o enfrentamento de situações de crise decorrentes dos preconceitos sofridos por ser negra e pela situação econômica familiar não favorável para concluir sua educação básica, Zuleide Queiroz ressignificou os aspectos negativos dessas vivências, engajando-se na luta para que outras mulheres pobres e

¹ A entrevista com Zuleide Queiroz pode ser acessada na íntegra no repositório Zenodo, disponível no endereço eletrônico <https://doi.org/10.5281/zenodo.7958002>.

negras não tivessem que sofrer as mesmas mazelas por ela experienciadas. Foi justamente com o aprendizado acumulado nos movimentos estudantis, na condição de bolsista, e nas manifestações políticas, por meio da sua atuação no sindicato de professores ao longo do mestrado, que Zuleide Queiroz foi incorporando saberes para a negociação e para a reivindicação de melhorias para a educação.

Como uma de suas iniciativas pioneiras, destaca-se a participação na ampliação da oferta do curso de Pedagogia da Urca, almejada desde o seu ingresso na instituição, como relatou: “[...] o curso de Pedagogia era noturno e depois nós vamos lutar para ter o curso diurno” (ZULEIDE QUEIROZ). O objetivo era expandir a oferta de Educação Superior pública no interior do Ceará, na região do Cariri, pois, necessitando trabalhar, ampliava-se a possibilidade para que jovens e adultos trabalhadores tivessem acesso aos estudos (FIALHO; SOUSA, 2017).

Finalizado seu período probatório na Urca, logo após a sua efetivação, conseguiu aprovação no curso de doutorado em Educação na UFC, o qual foi realizado entre os anos de 1997 e 2003, com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Na ocasião, já casada e com filho pequeno, conseguiu conciliar as atividades maternas, do lar, com os estudos e com o trabalho. Pesquisou sobre o tradicional e o novo ensino tecnológico que era ofertado no Cariri cearense, concluindo que havia a necessidade de superar uma formação direcionada exclusivamente para o mercado e para a empregabilidade, como meros centros de treinamento, para que esses espaços educativos possibilitassem uma educação contextualizada, crítica e emancipatória.

Os estudos doutorais colaboraram para que ela compreendesse a universidade como palco de reflexões sobre o ensino público, instituição que possibilitasse contribuir para a transformação social dos estudantes (MACHADO; SANTOS; QUARESMA, 2014), o que exigiu da biografada postura de maior comprometimento político no debate com os seus pares. Esse pleito, inclusive, desencadeou a criação do Sindicato dos Docentes da Urca (SindUrca):

[...] em 1998 nós vamos criar esse sindicato. Nós estávamos lutando pela política de ampliação das universidades estaduais [...]. A gente vai lutar pela ampliação da Urca em outras áreas, com a criação de novos cursos. Quando nós chegamos lá, a Urca tinha seis cursos; hoje tem 17. Por atividade de pesquisa, de extensão, bolsa, restaurante universitário, residência universitária. Tudo o que a gente tem hoje nós vamos conseguir com muita luta e, em especial, concurso para professor, que vai ser a nossa luta maior (ZULEIDE QUEIROZ).

Zuleide Queiroz esteve não apenas envolvida, mas protagonizando com liderança articulações sindicais, com o apoio da comunidade universitária, para reivindicar, junto ao

governo do Ceará, a expansão do Ensino Superior no interior, com melhores condições de acesso e de permanência, para prover uma formação qualificada também aos alunos que não dispunham de condições materiais suficientes para se manterem estudantes.

Frigotto e Molina (2010), ao pesquisarem sobre a importância dos sindicatos, mediante análise de autores clássicos, como Marx e Gramsci, no contexto de contradições do capitalismo, demonstram a necessidade de a educação e de o sindicalismo se constituírem como fundamento para trabalhadores lutarem por pautas contra-hegemônicas. Em busca desse espaço de reivindicações, Zuleide Queiroz demarcou a indissociabilidade da sua prática docente com o protagonismo sindical ainda no início da sua carreira: “Nesse período, eu sou presidente do sindicato. Eu vou ter experiência de fundar o nosso sindicato, de ter sido parte de diversas diretorias do sindicato”.

A criação do SindUrca se efetivou mediante filiação ao Andes. Esse sindicato possui grande representatividade nacional por defender não somente os interesses dos professores, mas por atuar na defesa das pautas emergentes da sociedade brasileira (MAUÉS, 2015). Zuleide Queiroz informou sobre sua participação no Andes: “[...] estive, também, no período de 2008 a 2010, na Diretoria Nacional do Andes. Eu fui a primeira secretária. Então, o Andes-SN, com mais de 70 mil docentes, uma atuação nacional, e eu tive a oportunidade de participar de uma diretoria nacional, como secretária nacional”.

A atuação no sindicato exigia que Zuleide Queiroz estivesse sempre discutindo e estudando a política nacional de educação, o que, segundo ela, colaborava para fundamentar um debate teórico articulado às ações práticas, que se refletiam em sua práxis mobilizadora em sala de aula, ao permitir desenvolver um ensino mais crítico e reflexivo (KLÜBER, 2017; MEZZAROBA; CARRIQUIRIBORDE, 2020). Ela sempre chamava a atenção para a necessidade de atenção especial para a educação das mulheres, especialmente as negras, porque acreditava que a escolarização e o conhecimento eram aspectos de extrema relevância para promover transformação social. Besse (1999), no final do século XX, destacava a persistente dificuldade de deslocamentos da população feminina pela naturalização da posição sociocultural que circunscrevia a mulher ao casamento, à vida doméstica e ao casamento.

A credibilidade conquistada entre seus pares à frente da atividade sindical tornou possível que Zuleide Queiroz inovasse no âmbito de ações do Andes. Ela explicou: “Estando no Andes, eu olho e digo assim: o Andes-SN é um sindicato que sempre avançou na política, acompanhou, ajudou a organizar movimentos sociais, mas ele nunca tinha feito um encontro de

mulheres” (ZULEIDE QUEIROZ). Percebendo a necessidade de contribuir com as pautas do movimento feminista, Zuleide Queiroz passou a organizar atividades em defesa da mulher, ao identificar a forte presença feminina na instituição: “E foi no Andes, por exemplo, que a gente conseguiu fazer o primeiro encontro de mulheres. O nosso sindicato nacional completava 30 anos e nunca tinha feito um encontro de mulheres”.

Ainda no Andes, a professora desempenhou ações junto ao Grupo de Trabalho (GT) que discutia sobre Gênero, Etnia e Classe: “E é lá nesse GT que a gente vai, por exemplo, fortalecer o movimento negro organizado de professores universitários brasileiros” (ZULEIDE QUEIROZ). Considera-se, diante das discussões aqui expostas, que o Andes-SN se apresenta como um espaço de formação pessoal e profissional que aglutina oportunidade ímpar para refletir sobre questões importantes para a educação em âmbito nacional e regional, bem como para a formação política dos professores. Ao trabalhador docente do Ensino Superior, que forma outros futuros trabalhadores, propicia-se alcançar não apenas a consciência de classe, mas uma formação política que incorpora as questões étnicas, raciais e de gênero na sua pauta. Dimensões determinantes da estrutura social na qual o professor atua que não devem ser negligenciadas.

Como assevera Le Goff (2008), a história não é linear, tampouco sua narrativa necessita ser assim elaborada, logo, se respeitaram os vaivéns temporais resultantes das lembranças e esquecimentos da biografada. Zuleide Queiroz interrompeu sua fala sobre a participação no Andes-SN para ressaltar que a sua militância no movimento feminista era, inclusive, anterior ao sindical, pois se iniciou antes mesmo de sua atuação como professora universitária: “[...] já tinha experiência do movimento feminista aqui em Fortaleza, quando eu chego no Cariri em 1994 (2 de agosto), no final de agosto, nós vamos ter o meu encontro com o movimento feminista do Cariri”. O movimento reivindicava por igualdade e pelo fim da opressão sexista, amparado numa base teórica e filosófica que orientava a prática cotidiana de mulheres que buscavam garantir direitos na sociedade patriarcal historicamente instituída (DAVIS, 2016).

O ativismo feminista defendido por Zuleide Queiroz e materializado em suas atividades militantes está inserido no movimento feminista negro que se apoia no debate proposto por Hooks (2018), denominado também como feminismo revolucionário (TIBURI, 2018). Diante da polarização existente dentro do movimento de mulheres, as feministas revolucionárias compreenderam que, para além do fim da dominação masculina, era emergente

uma corrente que ampliasse suas discussões e confrontasse as opressões de gênero relacionadas à classe e à raça (GODOY, 2021).

Chamava-se a atenção para o fato de que as mulheres negras do final do século XX e primeiras décadas do século XXI eram exploradas não só por homens, mas também por outras mulheres, mediante a desigualdade das posições social e racial privilegiadas que ocupavam (CARVALHO; FRANÇA, 2019; RIBEIRO, 2017). Ante essa compreensão, a atividade de Zuleide Queiroz se apoiava na atuação docente e política voltada para romper com o patriarcado e com a supremacia branca. A professora afirmou, inclusive, que seus ideais feministas se fortaleceram com a participação no movimento negro do interior do Ceará: “[...] quando eu vou para o Cariri é que eu vou me constituir, assim, mulher negra nesse contexto da política mesmo, de me entender” (ZULEIDE QUEIROZ). Nessa região do Ceará, ela participou ainda da criação de grupos de estudo na interseção entre gênero, classe e raça; das marchas de mulheres; das manifestações de rua e demais atividades organizadas pelo Grupo de Valorização Negra do Cariri (Grunec): “[...] em 2001, a gente ajuda na organização do Grunec, que é o Grupo de Valorização Negra do Cariri” (ZULEIDE QUEIROZ).

De acordo com Gomes (2017), o movimento negro é educador e sua perspectiva epistemológica forma os sujeitos para realizarem, a partir de vivências em movimentos reivindicatórios, ações políticas com o intuito de emancipação. Dessa forma, a experiência de Zuleide Queiroz no movimento negro, além de fortalecer e de valorizar sua identidade de mulher negra, proporcionou a coordenação e a vivência de diversas atividades docentes com o objetivo de fomentar maior conhecimento nesse campo para romper conceitos preconcebidos deturpados que inferiorizavam o feminino, em especial o negro.

Na Urca, a militância de Zuleide Queiroz articulou a empatia de outros professores para incluir no currículo formal o estudo dessas temáticas, como explicou: “[...] a gente tem lutado para que tenha disciplina no currículo; por exemplo, no curso de Pedagogia, hoje nós temos como disciplinas obrigatórias, que não eram: disciplina de gênero, diversidade, sexualidade; e ainda, como optativa, a disciplina afro-brasileira”. Além disso, as militâncias negra e feminista estão expressas no seu exercício como professora e como pesquisadora:

O meu corpo é negro, o meu corpo é de mulher, o meu corpo é de periferia. E a gente jamais pode esquecer isso. Então, assim, é tarefa militante. Ser aluno universitário, estar na universidade, ser professor. A gente não brinca, não. A gente tem tarefa. A tarefa é colocar outros na universidade. Então, hoje, as minhas pesquisas são totalmente voltadas para pesquisas militantes. Eu deixo muito claro isso. Nós não temos tempo para fazer pesquisas para deleite. As

nossas pesquisas são para mostrar os problemas da sociedade (ZULEIDE QUEIROZ).

As problemáticas confrontadas pela educadora no âmbito dos movimentos sociais são pertinentes para o campo da educação, especialmente para fortalecer o projeto dialógico e libertador de educação que já preconizava Freire (1978). Afinal, ao constituir sua identidade como professora negra e periférica, ela não apenas considerava o contexto de vida dos educandos e valorizava seus saberes prévios, mas também trabalhava uma consciência de pertencimento e respeito à diversidade. Zuleide Queiroz explicou que prezava o desenvolvimento da compreensão crítica das condições históricas e estruturais em que os grupos marginalizados se encontravam na sociedade brasileira. Era nessa direção que ela desenvolvia suas pesquisas, vinculando-as às vivências da sua realidade: “[...] focando muito os meus estudos no feminismo, mas é mais na perspectiva da negritude. Por exemplo, eu estou com um grupo de estudos sobre violência e juventude negra, violência e feminino, sempre focando mesmo a discussão de negritude” (ZULEIDE QUEIROZ).

Vale destacar que o Brasil começou a implementar as cotas para negros nas instituições superiores somente ao final da década de 1990, o que resultou em progressivo acesso dos negros no Ensino Superior. Com efeito, Zuleide Queiroz, que não contou em sua trajetória formativa ou profissional com políticas de cota, já pesquisava e militava nesse campo antes mesmo da implementação das políticas afirmativas, colaborando na defesa da institucionalização e da implementação de ações dessa natureza na Urca. Sabe-se que, embora não proporcionem mudança radical na estrutura social, as cotas colaboram para reparar as desigualdades historicamente constituídas no Brasil, favorecendo maior democratização do ensino aos negros e pobres (DOMINGUES, 2005; FAGUNDES, 2011).

Ainda que a Urca não tivesse Programa de Pós-Graduação em Educação, Zuleide Queiroz era conhecida na comunidade acadêmica por ser uma professora que praticava e valorizava a pesquisa. Participativa como membro da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), sempre esteve acompanhando os debates em torno do fortalecimento da Educação. Ademais, coordenou projeto de pesquisa financiado pela CAPES e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com foco no fortalecimento de pesquisa em programas de pós-graduação em desenvolvimento nas cidades do interior do Estado. Inclusive, articulou a criação do primeiro Doutorado Interinstitucional (Dinter) na Urca em

parceria com a UFC, tornando-se a coordenadora e galgando apoio da Capes para formar novos doutores na região.

Todavia, em atenção a essa lacuna formativa, que impedia os estudantes do interior de ingressarem em formação *stricto sensu*, ela constituiu articulação acadêmica para a elaboração e para a aprovação de um curso de mestrado profissional totalmente gratuito com o escopo de ser o mais inclusivo possível. Assumiu como coordenadora geral do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação (MPEDU), criado na Urca em 2016 para melhor estruturá-lo:

[...] a nossa última grande vitória foi a criação de um mestrado profissional em Educação. Um mestrado que tem como área de concentração a formação de professores. E a gente, na contramão dessa história conservadora que o Brasil vive hoje, consegue aprovar uma linha de pesquisa sobre Práticas Educativas, Cultura e Diversidades, onde lá nós estamos discutindo sobre Sexualidade, Gênero, Patrimônio, Educação Ambiental e Educação e Afrodescendência (ZULEIDE QUEIROZ).

Zuleide Queiroz chamou a atenção para a importância do credenciamento do mestrado em Educação da Urca, considerando-o uma conquista, especialmente por dois motivos: por ser aprovado em 2016, no governo de Michel Temer, quando a educação sofria arrocho no financiamento, com redução de recursos; e por conseguir permanecer trabalhando com questões temáticas que suscitam fervorosos debates na sociedade governada por Jair Bolsonaro, tais como os relacionados às questões de gênero, sexualidade, diversidade, afrodescendência, preservação ambiental, patrimônio cultural etc. Com efeito, mesmo no contexto de exaltação do conservadorismo por grupos políticos de extrema direita, defensores da manutenção do *status quo*, que privilegia o homem branco e favorecido economicamente (AVRITZER; KERCHÉ, 2021), o referido mestrado em Educação forma professores para trabalhar questões de gênero e de raça na sua práxis educativa, respeitando as diversidades e lançando visibilidade à pluralidade, às minorias e às suas necessidades.

Foi através do trabalho formativo na universidade, em nível de graduação e pós-graduação, que a biografada procurou implementar um projeto de educação que considerasse a bibliografia previamente produzida por autores representativos do campo, mas relacionando-os às problemáticas sociais atuais assimiladas ao longo de suas experiências militantes. Ela assim se posicionou sobre isso: “Não é que nós vamos negar os estudos clássicos e as pesquisas anteriores, mas é o que a gente vai trazer desses estudos que estão nos livros, que estão na biblioteca, para a nossa realidade” (ZULEIDE QUEIROZ). O compromisso político assumido

no exercício do Ensino Superior assumiu uma prática voltada para a conscientização e para a transformação concreta da realidade (FREIRE, 1996), por isso, Zuleide Queiroz asseverou o seguinte: “[...] se a gente não tiver o pé centrado na realidade, na militância, a gente não traz esses elementos para dialogar com a teoria que a gente estuda na universidade”.

No decurso de seu exercício na Urca, Zuleide Queiroz participou das eleições para a reitoria como candidata no ano de 2003. Na ocasião, foi a mais bem votada pelo corpo discente da instituição, que contabilizava mais de seis mil estudantes, no entanto, o sistema de voto paritário não favoreceu a sua vitória. Essa experiência foi marcante para a biografada, porque, na ocasião, ela vivenciou inúmeras experiências de preconceito, por ser mulher, negra, feminista, ou mesmo por atuar nas Ciências Humanas, no curso de Pedagogia, que não é considerado de prestígio social. Libâneo e Pimenta (1999), ao realizarem uma análise crítica do histórico da formação dos profissionais da educação no Brasil, apontam que o histórico desprestígio acadêmico da Pedagogia como campo científico reduz, inclusive, o interesse de novos profissionais para essa área.

Sua participação no processo eleitoral garantiu, em contrapartida, energia para que Zuleide Queiroz buscasse outras formas de organização política para prosseguir mais fortalecida na luta pelo respeito e pela valorização das diversidades:

[...] essa candidatura me colocou de frente exatamente a muitos problemas. Um deles era compreender que não bastava ter boa vontade. Eu ser mulher, ser negra e ser reitora de universidade era um preço muito alto para a elite dirigente desse país e desse estado. E aí isso fez a necessidade de a gente, mais do que nunca, fortalecer o feminismo e as discussões de negritude na região e no Ceará. E aí eu fui compreender que o partido político podia me dar primeiro essa disciplina necessária, a formação necessária e a compreensão de que nós precisamos romper com as estruturas da sociedade.

O candidato menos votado foi justamente o selecionado pelo Governador do Estado para assumir a reitoria da Urca mediante a lista tríplice, tendo ocorrido pela primeira vez no estado do Ceará o desrespeito à escolha democrática assentida majoritariamente na universidade. Esse cargo, mais uma vez, foi ocupado por um homem branco – da área da Biologia. Com esse desfecho, Zuleide Queiroz decidiu se envolver em um partido político com vistas a conseguir uma rede de apoio para lutar por seus ideais de maior igualdade de gênero e alargar a sua militância, prioritariamente, no que toca ao movimento feminista e negro.

4 Envolvimento político

Zuleide Queiroz afirmou que buscou filiação partidária tardiamente e que iniciou a sua militância no Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), de esquerda radical, pelo posicionamento contrário à priorização dos interesses e pela defesa de ideais que não favoreciam a igualdade de gênero e de raça e a classe pobre e periférica. A biografada relembrou: “[...] eu entro no PSTU; eu mesma me ofereço para entrar no partido, porque eu via a necessidade de entrar e porque eu já estava amadurecida no movimento social, no movimento negro” (ZULEIDE QUEIROZ). Ela logo percebeu que “[...] os partidos políticos, em função das necessidades permanentes da classe trabalhadora, lutavam muito pela questão da classe, de compreender que nós somos a classe trabalhadora, mas essa classe trabalhadora tem cor; ela tem sexo” (ZULEIDE QUEIROZ). Ou seja, entendeu que, mesmo em partido de esquerda radical, ainda não havia consolidada uma pauta específica para reivindicar políticas afirmativas para pobres e para negros.

Como integrante do PSTU, foi candidata a prefeita no município de Crato-CE, em 2004, e, mesmo sem se eleger, ganhou visibilidade por ser a única mulher disputando esse cargo. Em 2006, Zuleide participou das eleições para o cargo de deputada estadual, mas também não foi eleita. Importa destacar que, no referido ano, do total de 543 candidatos à Assembleia Legislativa do Ceará, 460 eram homens e apenas 83 eram mulheres, dos quais 46 dos eleitos eram homens e apenas duas eram mulheres, nenhuma negra (BRASIL, 2006a).

Esse contexto de invisibilidade da mulher na política foi um fator que postergou a inserção de Zuleide Queiroz na organização partidária: “[...] talvez essa demora de entrar num partido político fosse pelas experiências negativas que eu via”. A realidade mostrava a todo tempo para a biografada que eram apenas os homens que tinham espaço na política e que, quando alguma mulher se inseria nesse espaço, geralmente era porque seus maridos não mais podiam se reeleger e as colocavam como candidatas para assegurar sua permanência no poder usando o nome das esposas. Destaca-se ainda que, somente em 2009, a Lei nº 12.034 modificou a redação do §3º do artigo 10 da Lei nº 9.504/1997, passando a exigir, a partir das eleições gerais de 2010, tanto a reserva de 30% das vagas quanto o seu efetivo preenchimento por mulheres.

As mulheres cearenses, em consonância com o perfil de mulher ideal instituído historicamente no Brasil, deveriam se restringir ao espaço privado e familiar, dedicando-se prioritariamente aos cuidados do marido, dos filhos e das prendas domésticas, bem como

preservando os bons costumes da moralidade católica, não sendo bem-vista a mulher que integrasse o espaço público político, reservado aos patriarcas (ARAÚJO, 2015). Adentrar o meio político não apenas foi uma tarefa árdua para as mulheres, sendo ainda dificultosa ao longo dos anos, pelo ideário machista arraigado na sociedade (FIALHO; FREIRE, 2018). Salienta-se, contudo, que, para a mulher pobre e negra, que geralmente precisa colaborar com os trabalhos domésticos e com o sustento da família desde cedo, a possibilidade de acesso à educação e ao prestígio político sempre foi mais restrita.

Entre 2013 e 2014, Zuleide Queiroz cursou pós-doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ocasião em que realizou um mapeamento das instituições educacionais do Cariri cearense, elaborando um catálogo no qual é possível escrutinar a importância de valorizar a educação nessa região, que abriga um dos sete gabinetes de leitura imperial do Brasil e a primeira escola rural do país. A pausa para a dedicação à pesquisa lhe permitiu também recuperar o ânimo para continuar investindo no campo político e na difusão dos seus ideais.

Apesar dos limites existentes na política, a atuação de Zuleide Queiroz se mostrou cada vez mais emergente pelas causas que representava. Assim, a sua trajetória no âmbito partidário teve continuidade: “Em 2016, eu saio do PSTU e vou compor o Mais [Movimento por uma Alternativa Independente e Socialista], que é um movimento separado. E aí, em 2017, a gente faz as filiações para as eleições de 2018; a gente faz filiação ao PSOL [Partido Socialismo e Liberdade]” (ZULEIDE QUEIROZ). No PSOL, ela participou das eleições para deputada federal, após os acontecimentos de cunho sociopolítico que marcaram o ano de 2018: “[...] o março de 2018 foi muito duro para a gente. A gente vai ter o mês de março com muita morte de mulher. Depois nós vamos ter a morte da Marielle Franco². Nós vamos ter um luto muito grande após a morte da Marielle” (ZULEIDE QUEIROZ). O assassinato até hoje impune da socióloga e vereadora Marielle Franco, do PSOL do Rio de Janeiro, atuante pela causa negra e feminista, aflorou em Zuleide Queiroz o compromisso pela persistência na militância e a fez voltar a pleitear cargos políticos: “[...] aí, para transformar o que a gente diz, luto em luta, a gente tinha que ter candidatura de mulheres no Brasil todo e a gente tinha que ter mulheres negras”.

² A socióloga Marielle Francisco da Silva ficou conhecida nacional e internacionalmente como Marielle Franco. Ela era vereadora negra, *gay* e periférica, filiada ao PSOL, eleita no Rio de Janeiro (2017-2020) com a quinta maior votação em 2016, tendo sido assassinada em 14 de março de 2018.

Observa-se que as candidaturas políticas de Zuleide Queiroz, por vezes, eram destituídas da esperança de conseguir ser eleita, todavia impingidas de sentido, pois o foco não era especificamente a vitória eleitoral, mas aproveitar a oportunidade para disseminar as pautas que reivindicava. Dessa maneira, aproveitava as oportunidades de espaço nos meios de comunicação e de mobilização nos espaços públicos para propagar a necessidade de políticas voltadas especificamente para mitigar a histórica desigualdade de raça, para promover maior igualdade de gênero e para minorar as desigualdades econômicas.

As eleições de 2018 foram marcadas por mobilizações e engajamentos de diferentes grupos sociais em redes sociais e pela polarização de ideias, o que resultou no fortalecimento de ideias conservadoras e na vitória de Jair Messias Bolsonaro para a Presidência da República (ALMEIDA, 2019). Sobre esse momento, Zuleide Queiroz recordou o seguinte: “[...] foi uma campanha muito dura, no sentido de ter esses enfrentamentos com esses fascistas, mas, por outro lado, foram candidaturas de muita construção e de fortalecimento das mulheres, em especial dos movimentos sociais como um todo”. Em meio à ebulição política e social do contexto supracitado, a biografada mencionou ter sido uma campanha gratificante, pois: “[...] no caso da minha candidatura, os quase 15 mil votos foram, assim, de muita esperança [risos]” (ZULEIDE QUEIROZ). Ou seja, ela lamentou a perda de uma líder política importante, mas se mostrou satisfeita com o fato de que, mesmo com Jair Bolsonaro tendo sido eleito com pautas que feriam os princípios de luta dos movimentos feminista e negro, atacando-os fortemente, ela conseguiu maior articulação e apoio daqueles que não comungavam com as propostas de Jair Bolsonaro.

Zuleide Queiroz expressou a necessidade de permanecer e de integrar os movimentos social, sindical e, principalmente, partidário, articulando-os à educação:

[...] a gente tem um projeto de sociedade. No sindicato, eu tinha um projeto de profissionalização e que puxava para ter um projeto de educação, porque, se eu estou na docência, eu tenho um projeto de educação. E o Andes nos ajudou muito a construir isso. Nos movimentos sociais, tinha um projeto de construção de como organizar as mulheres, como organizar o movimento negro. No partido, você tem oportunidade de juntar tudo isso num projeto de sociedade, de como eu quero construir essa sociedade. O partido consegue reunir todas essas questões, esses elementos para a gente pensar o mundo de uma forma mais totalizante.

A integração dos movimentos mencionados pela professora favoreceu e aperfeiçoou a sua docência universitária, pois esta não se dissocia do projeto de sociedade defendido por Zuleide Queiroz: “[...] desde que eu conheci o pensamento de Paulo Freire, eu nunca tirei isso

da minha perspectiva de formação docente. Nós somos educadores. Então, eu não posso estar ensinando só a disciplina em que eu sou especialista, que eu sou doutora. Eu sou alguém que forma opinião”. Sua proposta de educação era, portanto, integral e emancipatória, por isso não pode ser compreendida desarticulada de sua militância, conforme propôs: “Eu sou alguém que forma pessoas e, compreendendo essa formação integral, eu tenho que ser um sujeito inserido na sociedade, e essa é uma das coisas que a gente tem tentado muito na formação de professores” (ZULEIDE QUEIROZ).

Constata-se que a biografia da professora Zuleide Queiroz, apoiada teoricamente nos ensinamentos de Paulo Freire, mais especificamente aqueles disseminados nos livros por ela mencionados – Pedagogia da autonomia (1996), Pedagogia do oprimido (1968), Pedagogia da esperança (1992) e Educação como prática da liberdade (1967) –, subsidiou sua atuação docente e política, mostrando que a educação não pode ser imparcial e descontextualizada, pois, ao se defender uma práxis apartidária e neutra, fomenta-se uma educação alienada e sem significado tanto para o professor como para os alunos. Na contramão, ao buscar sentido prático para os conhecimentos teóricos numa hermenêutica de indissociabilidade entre ambos, considerando que as histórias de vida dos sujeitos interferem no fazer pedagógico e dão sentido não apenas aos conhecimentos assimilados, mas à sua própria existência, Zuleide Queiroz desenvolveu uma educação mobilizadora, que permite fomentar a conscientização para a força do coletivo na luta por transformações sociais em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ainda que Zuleide Queiroz não tenha alcançado um cargo público de prestígio social que lhe conferisse visibilidade nacional, permanecendo uma pessoa comum para tantas outras que lhe cruzam o caminho, sua história de vida desvela a perseverança e a força feminina de uma negra que rompeu paradigmas: a) geracionais, por ser a primeira da família a conseguir Educação Superior e tornar-se pós-doutora, professora universitária, quando seus avós eram analfabetos e seus pais só possuíam o curso primário; b) econômicos, por conseguir superar a precariedade de vida imposta pela restrição do poder de consumo para a aquisição do essencial para uma vida digna; c) de classe, por permanecer na periferia por opção identitária, considerando-se trabalhadora como os seus pares de bairro, para lutar pela melhoria da qualidade de vida dos residentes da sua comunidade; d) de gênero, por mostrar que o lugar da mulher não é restrito às esferas privadas e que o feminino pode e deve protagonizar tensões aos padrões culturais que invisibilizam as mulheres; e) sociais, por conseguir articulação nos sindicatos e nos movimentos negro e feminista para formar coletivos de reivindicação pelo

respeito à diversidade e pelo reconhecimento da importância das minorias; f) educacionais, por conseguir articulação para a ampliação da oferta do curso de Pedagogia, credenciamento da pós-graduação *stricto sensu* em Educação, inclusive atuando como coordenadora de programa e na gestão de diversos projetos de pesquisa e de extensão; g) políticos, por ser reconhecida por sua militância e ser convidada constantemente a apresentar candidatura a diversos cargos, inclusive, tornando-se a mulher negra mais votada do estado do Ceará nas eleições para deputado estadual no Ceará em 2022; e h) de raça, por demonstrar que, apesar de todas as dificuldades históricas impostas à população negra, é necessário permanecer problematizando as estruturas sociais para que os negros possam ser representados e possam ocupar, com maior paridade e proporcionalidade, os espaços decisórios e os cargos de liderança.

5 Conclusões

O objetivo da pesquisa foi contemplado, pois desenvolveu-se a biografia de Zuleide Queiroz com ênfase na sua atuação como docente universitária e militante política, bem como destacou-se como se deu sua inserção nos movimentos negro, sindical e feminista (1994-2019). Averiguou-se que, como descendente de uma família com poucos recursos financeiros, Zuleide Queiroz enfrentou uma diversidade de tensionamentos resultantes da desigualdade social, tanto por pertencer ao grupo menos favorecido economicamente quanto por ser mulher e negra.

Em decorrência das questões econômicas, concluir a educação básica só foi possível porque, além de morar em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, onde a oferta de escolas era maior, houve a aquisição de bolsas de estudos e seus irmãos mais velhos trabalharam para ajudar em casa e permitir que os mais novos pudessem estudar. O curso de mestrado, concomitante ao trabalho, necessário para ajudar no sustento da família, possibilitou seu ingresso como professora na Urca, universidade pública localizada no interior do Ceará. Em sua atuação docente, empreendeu um projeto de educação no qual a perspectiva ideológica era de emancipação do sujeito na sociedade, que, por intermédio do conhecimento adquirido com o ensino, a pesquisa e a militância, poderia elaborar projetos de vida em consonância com uma sociedade mais humana e igualitária. Dessa maneira, o exercício profissional era norteado por uma práxis *freireana* tanto no curso de Pedagogia como no mestrado profissional em Educação, que se pautava na esperança de transformar a sociedade a partir da superação da opressão e do desenvolvimento da autonomia com consciência de classe, gênero e raça, para lutar por uma educação crítica e emancipadora.

Evidenciou-se que a profissionalidade de Zuleide Queiroz como docente esteve diretamente aliada ao seu engajamento nos movimentos sociais e sindicais, nos quais conseguia articulação e apoio para uma atuação política mais engajada. De tal modo, não é possível desvincular a sua postura como docente da sua militância político-social dentro e fora da universidade. Nos movimentos negro e feminista, encontrou amparo para superar os preconceitos vivenciados por ser mulher negra; nos sindicatos, aprendeu a fazer a articulação política e a arte da negociação necessária para a sua militância em prol de uma sociedade que reconheça as diversidades e as valorize, primando por maior igualdade para as mulheres, em especial, as negras; na política, abraçou o espaço público para lançar visibilidade às suas pautas de luta, tentando agregar adeptos para ressaltar o lugar de desigualdade ocupado pelas mulheres e reivindicar maior igualdade de gênero e de raça.

Com efeito, pode-se questionar qual a importância dessa narrativa para o campo educacional no Brasil e, mais especificamente, qual a relevância desta pesquisa para que ela se constitua como um artigo científico publicado em uma das revistas mais prestigiadas do país. É fato que a biografia de Zuleide Queiroz pode despertar descaso com a narrativa de vida elaborada, em algum leitor mais distraído, ou mesmo preconceituoso, com maior probabilidade de ocorrência em caso de leitores homens brancos que sempre tenham gozado de boas condições financeiras para estudar e se qualificar para o trabalho. Afinal, mesmo que haja sororidade, não é possível se colocar no lugar do outro e sentir da mesma maneira as dores de todas as mazelas que as desigualdades de gênero, de raça e de classe produzem historicamente. Todavia, o estudo em tela, ainda que trate de uma biografia de exceção, pois foram raras as mulheres negras nascidas na década de 1960 que conseguiram concluir os estudos em nível de pós-graduação e se tornaram docentes do Ensino Superior, retratou as históricas dificuldades que as mulheres, em especial as negras, enfrentavam para se escolarizar e galgar espaços de liderança, que não podem mais ser negligenciadas ou invisibilizadas.

O estudo biográfico revela circunstâncias que relegaram milhares de outras mulheres, Zuleides, ao analfabetismo, à parca representatividade política, ao silenciamento e ao esquecimento. Desse modo, mesmo não tratando da biografia de uma celebridade que já conseguiu destaque nacional na ciência ou na sociedade brasileira, essa vida feminina negra, individual e intransponível, relaciona-se com tantas outras, haja vista que a vida de uma pessoa comum, relativamente anônima, representa o contingente de outras mulheres pobres que foram alijadas de educação escolar pelas condições econômicas de vida ou que, com muito sacrifício

e determinação, conseguiram superar barreiras quase intransponíveis que até hoje persistem, ainda que em menor grau, majorando o contexto de exclusão perpetuado historicamente que gera desequilíbrio de gênero no ecossistema da ciência e da tecnologia no Ceará, de modo específico, e no Brasil, de modo geral.

Urge o reconhecimento das desigualdades para a implementação de ações ou de políticas para dar celeridade à igualdade de gênero e de raça, especialmente em tempos que se discutem, na contramão do exposto, retirar o aspecto étnico das políticas afirmativas duramente conquistadas para minorar as desigualdades históricas provenientes de uma sociedade escravista. No sentido alcançar a meta do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS) número 5 da Organização das Nações Unidas (ONU, 2022), qual seja: “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”, importa ressaltar que a discussão de igualdade de gênero perpassa essencialmente pelas pautas raciais, a propósito, são as vidas femininas negras as mais afetadas pela desigualdade.

O debate em torno da biografia de Zuleide Queiroz, marcado por enfrentamentos que nutrem o desejo por mais justiça social, refletidos na sua postura de resistência ativa na docência universitária e no âmbito político, permitiu mobilizar reflexões para melhor compreender as relações desiguais que limitam a ascensão da mulher, especialmente a negra, no contexto opressor de uma sociedade que se diz democrática, mas que não consegue prover condições paritárias de educação e profissionalização para o seu povo. Não obstante, destaca-se que uma vivência singular, mesmo associada ao coletivo que a situa, não pode ser usada para retratar com precisão o contexto macrossocial, dessa maneira, os resultados alcançados com a biografia de exceção não devem ser generalizados para outras realidades. Sabe-se, inclusive, que tantas outras mulheres empreenderam embates diversos dentro das suas condições limitadas de luta, mas que não conseguiram transpor as barreiras econômicas, sociais e culturais impostas, ainda assim, não são menos importantes.

Agradecimentos

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelo auxílio para apoio a projetos de grupos de pesquisas (PS1-0186-00218.01.00/21) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro com bolsa produtividade.

Referências

ALBERTI, V. História dentro da História. *In*: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p.155-202.

ALMEIDA, R. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estudos Cebrap**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002019000100010&script=sci_arttext#B4. Acesso em: 21 out. 2020.

ARAÚJO, H. L. M. R. **A tradicional escola normal rural cearense chega ao bairro de Fátima**: formação das primeiras professoras primárias (1958-1950). Fortaleza: UFC, 2015.

AVRITZER, L.; KERCHE, F. **Governo Bolsonaro**: retrocesso democrático e degradação política. São Paulo: Autêntica, 2021.

BESSE, S. K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. São Paulo: USP, 1999.

BOSI, E. A pesquisa em memória social. **Psicologia**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 277-284, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34480/37218>. Acesso em: 21 out. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997**. Estabelece normas para as eleições. Brasília, 30 de setembro de 1997; 176º da Independência e 109º da República. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 1º out. 1997.

BRASIL. **Lei nº 12.034, de 29 de setembro de 2009**. Altera as Leis nº 9.096, de 19 de setembro de 1995 - Lei dos Partidos Políticos, 9.504, de 30 de setembro de 1997, que estabelece normas para as eleições, e 4.737, de 15 de julho de 1965 - Código Eleitoral. Brasília, 29 de setembro de 2009. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 set. 2009.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Eleições 2006**. Consulta e resultados eleitorais. 2006a. Disponível em: <http://inter04.tse.jus.br/ords/dwtse/f?p=117:1::NO:::>. Acesso em: 21 out. 2020.

BURKE, P. **O que é história cultural?**. Tradução: Sérgio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARVALHO, D. M. S.; FRANÇA, D. X. Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 4, n. 12, p. 148-168, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/974>. Acesso em: 11 abr. 2022.

COMPARATO, B. K. Memória e silêncio: a espoliação das lembranças. **Lua Nova**, São Paulo, n. 92, p. 145-176, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264452014000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 set. 2020.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, P. **A insurgência de ébano**: a história da Frente Negra Brasileira. 2005. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DOSSE, F. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução: Gilson César Cardoso Douza. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

FAGUNDES, T. B. “... e uma alternativa para a exclusão escolar, tem?”. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, DF, v. 8, n. 1, p. 181-202, 2011. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/246>. Acesso em: 11 abr. 2022.

FERRAROTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1998, p. 17-34.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, F. G. A. Política pública de juventudes: percepções dos bolsistas do Prouni. **Jornal de Políticas Educacionais**, Curitiba, v. 11, n. 17, p. 1-20, 2017. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/53612/34014>. Acesso em: 21 set. 2020.

FIALHO, L. M. F.; FREIRE, V. C. F. Educação formativa de uma líder política cearense: Maria Luíza Fontenele (1950-1965). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 343-364, 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/43290>. Acesso em: 24 set. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, G.; MOLINA, H. Estado, educação e sindicalismo no contexto da regressão social. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, DF, v. 4, n. 6, p. 37-51, 2010. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/67>. Acesso em: 7 out. 2020.

GODOY, E. D. Educação e desempenho sexual integral: uma abordagem filosófica feminista. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/4448>. Acesso em: 11 abr. 2022.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador**: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**. Tradução: Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KLÜBER, T. E. Um “modelo pedagógico” para a formação de pesquisadores em Educação e Ensino: relato, análise e reflexões. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, DF, v.

13, n. 31, p. 535-555, 2017. Disponível em:
<https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/1082>. Acesso em: 12 abr. 2022.

LE GOFF, J. **História e nova história**. Tradução: Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Teorema, 2008.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. Formação de profissionais da Educação: visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 68, p. 239-277, 1999. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/GVJNtv6QYmQY7WFv85SdyWy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2022.

MACHADO, L. R. S.; SANTOS, E. H.; QUARESMA, A. G. Cursos de mestrado no Brasil, na França e em Portugal: elementos de uma abordagem comparativa. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, DF, v. 11, n. 26, p. 939-964, 2014. Disponível em:
<https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/556>. Acesso em: 11 abr. 2022.

MAUÉS, O. C. O Sindicato da Educação Superior e as políticas educacionais. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 2, p. 252-262, 2015. Disponível em:
<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13351/10457>. Acesso em: 8 out. 2020.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA F. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2015.

MEZZARROBA, C.; CARRIQUIRIBORDE, N. Teoria e prática: questões imprescindíveis à prática educativa. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 5, n. 3, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/2807>. Acesso em: 12 abr. 2022.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NUNES, M. L. S.; TEIXEIRA, M. M.; MACHADO, C. J. S. (orgs.). **Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas**. Fortaleza: UECE, 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 10 mar. 2022.

PRIORE, M. D. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Justificando, 2017.

RODRIGUES, R. M. Biografia e gênero. *In*: FIALHO, L. M. F.; VASCONCELOS, J. G.; SANTANA, R. J. (orgs.). **Biografia de mulheres**. Fortaleza: UECE, 2015. p. 54-70.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2011.

SOARES, M. P. S. B. Formação permanente de professores: um estudo inspirado em Paulo Freire com docentes dos anos iniciais do ensino fundamental. **Educação & Formação**,

Fortaleza, v. 5, n. 13, p. 151-171, 2019. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1271>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SOUSA, J. M. **Sistema educacional cearense**. Recife: MEC/Inep, 1961.

SOUSA, L. A.; PONTES JUNIOR, J. A. F.; LEITE, R. H. Edurural: uma experiência pioneira em avaliação em larga escala no Brasil (1980-1987). **Historia de la Educación**, Buenos Aires, v. 22, n. 1, p. 51-60, 2021. Disponível em:
http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2313-92772021000100051&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 6 abr. 2022.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: História Oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VIEIRA, S. L. **Documentos de política educacional no Ceará**: Império e República. Brasília: Inep, 2002.